

Comunidade debate a violência em Planaltina

Freddy Charlson
Da equipe do **Correio**

A violência está diminuindo em Planaltina e há mais policiais em ação (palavras do administrador da cidade, Nilton Guimarães). A violência está aumentando em Planaltina e os policiais não têm exercido suas funções de maneira correta (palavras de dois moradores, vítimas de violência). Opinião e desabafo na audiência pública Violência urbana x cidadania em Planaltina promovida pela Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Câmara Legislativa (CDDHC), ontem à noite, no auditório da administração regional.

Guimarães cita o aumento de carros da Polícia Civil (de sete para 12) e da PM (de cinco para 19) desde o início da atual gestão. E da diminuição (30%) de ocorrências envolvendo adolescentes. “Acontece desde a implantação do Projeto Esporte À Meia-Noite, em julho de 1999. Com o projeto diminuímos as ocorrências de lesões

Zuleika de Souza



AUDITÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO LOTADO: MORADORES RECLAMAM DA POLÍCIA

corporais em 70%. As gangues estão sumindo”, garante.

Mas se as gangues somem, os casos demoram a ser solucionados e os policiais não trabalham como deveriam. Pelo menos é o que pensam a estudante Sílvia de Assis, 26 anos, e o pedreiro Cristiano Dourado, 22. Cristiano, revoltado, chegou até a colocar em pleno auditório faixa pedindo justiça para a morte — em 30 de outubro passado — do primo, o pedreiro Nivaldo Miranda, 27, depois de levar um tiro no coração de um PM que tentava conter briga de bar.

“Quero agilidade da Justiça.

Essa morte não pode ter sido em vão. Esse assassino tem que ser preso. Tenho medo de perder a cabeça”, disse Cristiano em seu depoimento a autoridades, advogados, políticos, estudantes e moradores que lotavam o espaço em uma das mais violentas cidades do Distrito Federal.

Outras vítimas da violência também deram o seu recado na audiência pública que pela terceira vez acontece em uma cidade do DF. Antes, a audiência aconteceu no Guará (ali, os moradores reclamaram de assaltos a residências e lojas), e em Taguatinga (onde os

moradores estão indignados com a falta de policiais e equipamentos). A próxima cidade a receber a audiência é o Gama, dia 28.

“A idéia é ouvir depoimentos e reivindicações da comunidade. A partir dos debates vamos elaborar um documento e entregar ao governador Joaquim Roriz mostrando a realidade. Queremos encontrar soluções e não culpados para a violência”, explicou o deputado Alirio Neto (PPS), presidente da CDDHC.

Mas no caso da estudante Sílvia de Assis, que tal, também, encontrar os responsáveis por seu sofrimento? Há alguns anos a moça foi atacada por encapuzados na Estância Mestre D’Armas, periferia. Foi assaltada e agredida. “Sofri 32 cortes de gilete nos braços, barriga e seios. Não resolveram. Faltou interesse da polícia. Vou cobrar resultados e policiamento.”

Sílvia faz parte de uma Planaltina desconhecida para muitos dos próprios moradores. Como a universitária Julianna Curado Pereira, 19, moradora “desde que nasceu” do tranquilo Setor Tradicional. “Dizem que Planaltina é violenta. Vim conferir se o senso comum está certo ou não. Acho a cidade calma. Dependendo do lugar que as pessoas frequentam. A violência está em todo lugar”, garante Julianna, moça de sorte que parece frequentar apenas bons lugares.